

Celina Borges Lemos



## Uma centralidade belo-horizontina

Este trabalho elabora, a partir da observação das práticas sociais, uma leitura dos espaços da região da Savassi, hoje um centro de consumo consolidado em Belo Horizonte, tendo como referência as espacialidades onde a sociabilidade se materializa.

> A memória, que os habitantes de uma cidade constroem cotidianamente ao longo de um determinado espaço-tempo, está relacionada às práticas sociais e às interações por eles vivenciadas. As passagens, os lugares, os pontos de encontro os locais de moradia configuram-se enquanto pontos de referência significativos, tanto em nível individual como em nível coletivo. Os cidadãos, no seu dia-a-dia, muitas vezes se deparam com lugares por eles já experienciados, os quais lhes propiciam a reconstrução de um quadro impregnado de lembranças já esquecidas. Para Halbwach,<sup>1</sup> essas lembranças anteriores sofrem uma transformação e vão se adaptando a um novo conjunto de lembranças atuais. Esses momentos peculiares são provenientes de um processo de identificação, que vai se incorporando nos indivíduos ao longo dos seus espaços vivenciais.

Para Lévi-Strauss,<sup>2</sup> a identidade pode ser definida como uma *identidade abstrata* – isto é, não apresenta uma existência real –, mas, ao mesmo tempo, deve ser considerada indispensável como ponto de referência. Na medida em que essas identidades vão sendo elucidadas, a cidade edificada como representações espaciais passa a propiciar novos campos de representação, podendo ser considerada ela própria um espaço vivencial. Nesse momento, a cidade é viva e torna-se somente vida para aqueles habitantes que lhe imprimem seu caráter, emoções e sentimentos. Encontrar esses espaços de representação significa captar elementos simbólicos que circundam as interações do espaço social, relacionados ao subterrâneo da vida cotidiana urbana.<sup>3</sup>

### 1. De volta ao passado: do Centro tradicional ao bairro Funcionários

Belo Horizonte, como algumas outras cidades brasileiras planejadas, apresenta um paradigma original no estudo de uma possível identidade existente entre a urbe e

seus habitantes. Tais cidades apareceram no mapa do Brasil da noite para o dia, como se fossem a *entrega* em domicílio de uma encomenda feita pelos dirigentes políticos da época. Essas encomendas foram elaboradas por “especialistas do espaço”, cuja missão foi construir um “repertório de símbolos monumentais”, que possibilitasse a implantação de um novo *status quo*.<sup>4</sup>

A concepção urbanística tinha como intenção construir cidades saneadas e higienizadas. Desse modo, os construtores se preocupavam em garantir uma salubridade e uma aeração perfeita, procurando evitar que nelas se instalasse qualquer tipo de endemia física ou moral, o que garantiria uma produtividade da força de trabalho segura e de alta rentabilidade e, ao mesmo tempo, manteria a ordem e o progresso socioeconômicos. A distribuição dos espaços e as suas formas de uso no ambiente urbano, ao lado das questões acima levantadas, foram definidas *a priori*, visando a facilitar a ação do poder no controle desses espaços: as classes privilegiadas foram alocadas em espaços onde não haveria a menor ameaça a sua saúde, as mais populares, por sua vez, em ambientes patogênicos, onde tudo poderia acontecer; dentro de um raio de ação delimitado e controlado.<sup>5</sup>

Dentro desse complexo contexto, a capital foi fundada em 1897 com a missão de simbolizar um *belo e próspero futuro* para o Estado. De acordo com Lévi-Strauss, a cidade, enquanto *locus* onde identidades são edificadas pelos seus habitantes, deve ser considerada como “objeto de natureza e sujeito da cultura; indivíduo e grupo, vivida e sonhada, coisa humana por excelência”.<sup>6</sup>

Belo Horizonte constitui-se, do ponto de vista urbanístico, como uma verdadeira *revolução* – revolução esta politécnica: “feita em papel quadriculado por homens de compasso e lápis na mão – moramos numa cidade cartesiana, mas somos barrocos”.<sup>7</sup> Porém,

enquanto cidade planejada, não apresentou nos seus primeiros anos uma consciência de cidade, visto que só a partir de um processo de uso o *viver* no lugar seria erigido. Desse modo, uma vez que seus primeiros habitantes, em sua maioria, não cresceram com a cidade e não fundaram suas raízes, eles permaneceram nela de um certo modo enleados, embaraçados naquela floresta de ângulos retos e obtusos. Suas dificuldades eram tão significativas que os dirigentes do poder público chegaram a construir, na Praça da Liberdade, uma miniatura em concreto do pico Itacolomi de Ouro Preto, que, segundo historiadores da época, serviu para consolar os ouro-pretanos saudosos: “A praça dos namorados é a praça do poder, saudades de Ouro Preto lacrimam, entre os penhascos de cimento [...]”.<sup>8</sup>

Com o decorrer do tempo, a cidade passou a apresentar vários lugares significativos, localizados principalmente na área central, os quais passaram a constituir pontos de referência que definiram todo um modo de vida ao belo-horizontino, bem como a identificação dos moradores com tais lugares. A Praça Sete de Setembro, por exemplo, no início do século, era o lugar dos encontros, das festas e dos carnavais. Naquela época, foi inaugurada a estação de bondes, localizada entre a avenida Afonso Pena e a rua da Bahia, onde passavam, controlados por relógio, todos os bondes da cidade.

Em frente a essa estação funcionava o Bar do Ponto, lembrado por Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos, entre outros intelectuais modernistas, como o lugar onde todos passavam nem que fosse só para *bater o ponto*, tornando-se *parada obrigatória* para os membros da elite administrativa e intelectual da cidade. A centralidade do Bar do Ponto se estendia ao longo da avenida Afonso Pena, entre rua da Bahia e praça Sete, onde o *footing* acontecia nos finais de tarde. Aqui também se nota a continuidade da segregação, uma vez que os grupos de médio e alto *status* social circulavam do lado do Cine Glória; e os mais populares,

do outro lado da avenida, onde se localizava o cinema do mesmo nome, ou seja o Cine Avenida.<sup>9</sup>

Já nas décadas de 1930 e 1940, o quarteirão da rua da Bahia, situado entre as avenidas Afonso Pena e Augusto de Lima, passou a exercer outro papel de destaque. Por lá circulavam artistas, intelectuais, estudantes e políticos que, na época, expressavam um estilo de vida que marcou a história da cidade e ficou na memória de seus contemporâneos. Nos anos 1960, a região da avenida Augusto de Lima, próxima ao Edifício Malleta, tornou-se um ponto de encontro de grande expressão cultural. Um novo estilo de vida ia, então, sendo instituído pelos jovens da época, baseado em concepções culturais e políticas inovadoras. Esses são apenas alguns dos vários locais que se tornaram lugares de sociabilidade e de identidades na história do Centro de Belo Horizonte.

### Metropolização

Nos anos 1970, a cidade e seu entorno foram elevados à categoria de Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), devido ao seu expressivo crescimento econômico e populacional.<sup>10</sup> A estrutura urbana, naquela época, comportava vários centros secundários, os quais se interagiam e se completavam. Esses centros surgiam quase que espontaneamente, aliados aos interesses do capital, e apresentavam forma desconexa e dispersa. Os pequenos pólos estavam submetidos a uma hierarquia de uso, onde o Centro exercia o papel de primazia, como demonstram dados coletados para o período e confirmados nas décadas de 1980 e 1990.

O Centro reunia uma grande variedade de atividades e serviços, que vieram se avolumando ao longo da evolução urbana da cidade. Grande parte dos serviços localizados naquela área eram considerados exclusivos, e isso submetia as demais áreas da Região Metropolitana a sua total dependência. Aqui, confirma-se a idéia inicial do

plano de Aarão Reis e da Comissão Construtora de erigir uma cidade radiocêntrica, dotada de um pólo referencial, dos pontos de vista socioeconômico e simbólico.

Nas últimas três décadas do século XX, no entanto, o Centro já dava sinais de saturação, observando-se uma heterogeneidade na rede de serviços, assim como no uso do lugar. Uma pesquisa sobre o mercado de terra em Belo Horizonte, realizada em 1977 pela Superintendência do Planejamento Metropolitano de Belo Horizonte (Plambel) – autarquia estadual então encarregada do planejamento da RMBH –, mostra que o preço do solo no Centro, no final da década de 1960 e início da década de 1970, experimentou uma taxa de crescimento negativa. Esse fenômeno foi justificado pelo fato de o Centro já constituir uma área praticamente comprometida (saturada), ostentando, desde o início do século, uma taxa muito alta de valor do solo, em comparação com as demais áreas do núcleo metropolitano.<sup>11</sup> Desse modo, as áreas centrais já haviam sofrido um processo de valorização anterior, que veio se delineando desde a fundação da cidade.

Aliado à questão da saturação, “o fenômeno da metropolização de Belo Horizonte, naquela época, estaria provocando o surgimento de novos centros terciários mais sofisticados, os quais se apresentariam como alternativa ao Centro tradicional”.<sup>12</sup> Os serviços de comércio, entre outros, pouco a pouco foram deixando o local, já que o preço do solo, apesar de não ter sofrido uma elevação expressiva em relação às outras áreas, atingira valores proibitivos, o que repercutia nas suas áreas contíguas.

O próprio poder público contribuiu, direta ou indiretamente, para que esse quadro de transformações observadas no Centro fosse agravado, pois pouco investiu nessa época para a melhoria dos serviços públicos, sendo a sua atuação considerada “irrisória”: da totalidade dos investimentos em obras implantadas em Belo Horizonte, apenas 0,05% foram destinados à região central.<sup>13</sup>

Do ponto de vista do uso do lugar, alguns monumentos e marcos adquiriram novas significações, outros desapareceram, sendo que seus espaços foram reapropriados e reinterpretados, o que os levou a sofrer um acréscimo de sentido. O Centro, definido como o lugar do intercâmbio, dos encontros e dos lazeres, passou a apresentar um caráter difuso e ambíguo. Seus espaços estavam destituídos, em sua maioria, de identidade, pois muitos dos lugares expressivos, como os *pontos de encontro*, foram demolidos ou desativados, configurando-se, como já disse o poeta Carlos Drummond de Andrade, um “triste horizonte”.

Essa questão está integrada às artimanhas do capital, caracterizado como “um poder fanático” que destrói o espaço fugidio da cidade, convertendo-a em metrópole impessoal e sem memória.<sup>14</sup> Complementando essa interpretação, Ernest Bloch considerava ser o capitalismo o “inimigo mortal da arte e de tudo que é grande” e via a cidade como “o *locus* onde a existência humana acontece sem que lhe seja permitido envelhecer, mas apenas deteriorar-se ao longo dos anos”.<sup>15</sup>

### Um novo point

Foi ao longo da década de 1960 que a região da Savassi, inserida no vetor sul da área central de Belo Horizonte, sofreu um rápido processo de transformação, que interferiu de forma definitiva no bairro dos Funcionários. Este era, até então, um pacato e tradicional bairro localizado nas proximidades da Praça da Liberdade, que, nos primórdios da existência da cidade, abrigou os funcionários do governo da nova capital. O bairro, na primeira metade do século XX, poderia ser considerado predominantemente residencial. Por ele circulavam os bondes que integravam o bairro ao Centro. O veículo subia a rua Pernambuco, contornava a praça Diogo de Vasconcellos e descia a avenida Cristóvão Colombo; uma outra linha de bondes fazia o mesmo trajeto, só que



Notícia da inauguração da Padaria e Confeitaria Savassi. Revista *Metrópole*, ano II, n. 15, março de 1940. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

em sentido contrário. Essas duas linhas, implantadas no começo do século XX, foram as primeiras de Belo Horizonte. Além delas, existia uma terceira, a linha *Acaba Mundo*,<sup>16</sup> que chegava até a avenida do Contorno, seguindo em direção à rua Grão Mogol.

Os abrigos de bondes se configuravam como verdadeiros pontos de encontro nos locais onde foram implantados. O próprio trajeto dos bondes criava também representações socioespaciais específicas, sendo estas o resultado da origem e destino dos mesmos. Como exemplo, tem-se o abrigo Pernambuco, que foi transformado no ponto de encontro dos moradores do Funcionários e se estendia pelo território da praça Diogo de Vasconcellos. O local se constituiu no lugar do piquenique, do passeio, do cinema livre, dos blocos caricatos do Carnaval, da feira livre e das barraquinhas nas festas da Paróquia de Santo Antônio.<sup>17</sup>

Desde a década de 1950, foram implantados no bairro os primeiros serviços de comércio, como a Padaria Savassi, situada na Praça Diogo de Vasconcellos e, a seu lado, na rua Pernambuco, a Drogaria São Félix. Havia, também, um armarinho, próximo à praça Diogo de Vasconcellos, ao lado da padaria; e os armazéns Colombo e Triângulo, localizados na avenida Cristóvão Colombo. Dois outros serviços de consumo passaram a atrair a atenção do belo-horizontino: a construção do Cine Pathé e a do primeiro supermercado de Belo Horizonte, o Serve Bem, ambos localizados na avenida Cristóvão Colombo.<sup>18</sup>

la gente de Belo Horizonte inteira para ver o supermercado [...]. O bairro Funcionários só começou a perder a sua característica de bairro essencialmente residencial no final da década de 1950, com a abertura da BR e com a construção acelerada daqueles bairros

melhores [...], como o bairro Sion; e mais, posteriormente, com a abertura de outros bairros mais adiante, como o Belvedere e coisas do tipo [...], são os bairros da Zona Sul.<sup>19</sup>

Além disso, vários centros educacionais de primeiro e segundo grau surgiram no local, além da construção da sede definitiva da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que serviam à demanda dos grupos sociais dotados de expressivo capital cultural.

Do final desses anos até a década de 1970, várias territorialidades surgiram na região e o seu mais relevante espaço de representação – que sobreviveu até o penúltimo decênio do século XX –, o Cine Pathé. A rua Pernambuco era o ponto onde proliferavam os chamados vícios da grande cidade: lá acontecia o encontro de diversos grupos estigmatizados, por serem considerados muito avançados e modernos para os padrões vigentes à época. Na mesma rua, do lado de cima da praça, formou-se um outro tipo de representação no espaço: eram os grupos que tentavam descobrir novas alternativas de ação cultural e política aliada a estilos inovadores de viver. Também na rua Pernambuco localizava-se a Boite Caverna, lugar onde os modismos, em termos de música/moda/atitude, eram lançados já com a possibilidade de consumo bem ali, nas lojas sofisticadas da avenida Getúlio Vargas e adjacências.<sup>20</sup>

É nesse mesmo período que se pode detectar a transformação definitiva do até então pacato bairro dos Funcionários. A formação dessa nova territorialidade imprimiu um sentido exótico ao lugar e, somando-se a ela, houve a legitimação dos *points* pelos estudantes e grupos de freqüentadores da classe mais favorecida. A Savassi passou a ser definitivamente um *locus in* a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1970: de uma forma espontânea as vitórias do Brasil nos jogos foram

comemoradas pelos membros da elite intelectual e social na praça, e não mais no Centro.<sup>21</sup>

### Legitimação social

O crescimento e a legitimação da Savassi, onde freqüentadores e comércio mais sofisticados procuravam alternativas para investimento e consumo, coincidiu com a semi-saturação do Centro. Além dos empreendedores, que se interessavam por novas opções para investimento em áreas menos saturadas, outros fatores sociais expressivos também ocorriam na época, dentre esses o exclusivismo de classe: os *consumidores nobres* consideravam depreciativo circular por locais do Centro onde inexistiam barreiras que os isolassem e protegessem dos grupos sociais subalternos. Tanto o comércio sofisticado como os seus consumidores não queriam mais se localizar no Centro, por uma série de razões.

O Centro já estava em deterioração e isso é uma coisa normal, a casa fica velha, a loja fica velha etc. [...]. Depois, com o aumento do tráfego, diminui a comodidade e a pessoa começa a ficar chateada de se meter naquele bolo, então vai buscar um lugar mais cômodo para fazer suas compras.<sup>22</sup>

A área da Savassi tornou-se o *locus* ideal para o investimento de capital e para a atração do consumidor de alto poder aquisitivo. Os dois fatos ocorreram em plena sincronia. “O que aconteceu com a Savassi foi o seguinte: o espaço acumulou pessoas com facilidade de parar e, principalmente, com poder aquisitivo”.<sup>23</sup> Essa reterritorialização faz emergir uma nova opção para os investimentos do capital privado, destacando a região como um dos principais centros comerciais de Belo Horizonte. Ali se constituiu um espaço especializado de serviços, com um nítido corte de classe, tornando-se *locus* de consumo e lazer de grupos privilegiados.

Dentro da lógica capitalista, a Savassi não só reforçou o papel do Centro, como se tornou mais uma fonte de investimentos privados. Além de oferecer serviços mais sofisticados para o uso e o consumo de uma pequena parcela da população, tornou-se um *locus* privilegiado carregado de grande simbolismo, por onde transitavam modismos culturais. Lá se concentravam cargas valorativas que lhe conferiam novo sentido, o que levou a região a exercer um papel de grande eficácia cultural e simbólica relativamente ao consumo de serviços de comércio e lazer.

Não houve, com relação ao bairro dos Funcionários, uma expansão urbana; o que aconteceu foi “uma mudança de uso, numa região já plenamente expandida. Aquilo foi onde Belo Horizonte começou”.<sup>24</sup> As casas, que no início eram exclusivamente residenciais, passaram por uma adaptação para o novo uso (comércio e bares). Em seguida, foram gradativamente demolidas, e nesses terrenos foram surgindo novos edifícios. “Agora a quase totalidade deixou de ser residência e passou a ser comércio, mas sempre tem alguns durões que de lá não querem sair [...]”.<sup>25</sup>

### Modernidade e memória

O bairro dos Funcionários, mesmo após tantas mudanças, permaneceu, de certa forma, vivo: quer pela memória daqueles que lá viveram, quer pelos registros encontrados na literatura, quer pelo que resta da sua arquitetura neoclássica, eclética e *art déco*. O período marcado pelas mencionadas transformações deixou essa memória totalmente ameaçada: até a denominação original do bairro desapareceu, e a região, quase como um todo, passou a ser denominada Savassi – designação tomada de empréstimo à padaria instalada durante vários anos na praça Diogo de Vasconcelos, desativada no final de 1970. Uma nova territorialidade se constituiu, predominando atividades de serviços de comércio e lazer.

As primeiras lojas instalaram-se nas imediações das avenidas Getúlio Vargas, Cristóvão Colombo, das ruas Pernambuco, Antônio de Albuquerque, Tomé de Souza e, principalmente, da praça Diogo de Vasconcelos. Em pouco tempo, a paisagem transformou-se e, com ela, todo um sentido de freqüentá-la e de utilizar seu espaço. Este passou a expressar o *locus* de consumo mais sofisticado da cidade: circular pela Savassi, freqüentar seus bares significa ter bom gosto, estar por dentro do que acontece, ter amigos sofisticado, ter *status*, enfim, significa pertencer, ou sonhar pertencer, ou ter acesso aos grupos dominantes.

Assim, num período de cerca de 15 anos, o novo centro adquiriu características de uma requintada urbanidade, assemelhada ao perfil anterior do Centro. Essa constatação confirma-se a partir da própria legislação urbanística elaborada em 1976, que possibilitou o uso *misto* (comércio/residência e comércio/escritórios) em algumas áreas e, de certa forma, induziu o processo de implantação dos serviços, bem como o incremento da verticalização. No entanto, à constatação de que a estrutura da Savassi tendia a se assemelhar à do Centro, é preciso acrescentar que essa característica está inserida num processo dinâmico de evolução urbana, onde não é possível prever seus limites e sua duração.<sup>26</sup>

### Diferenças e identidades

Ao mesmo tempo em que se pode afirmar que a região da Savassi *imitava* o Centro em termos de estrutura urbana, constata-se diferenças significativas entre os dois pontos. Caracterizados pela mesma condição urbanística moderna, como também pelas suas representações simbólicas, muitas diferenças distinguiam os dois centros, que até os anos 1980 se interagiam e se completavam, compondo a dinâmica do urbano como um todo.



A Savassi, nesse período, caracterizava-se principalmente como um espaço de consumo, enquanto no Centro acentuava-se a característica de referencial de negócios. O comércio varejista, por exemplo, que, em termos relativos, era muito mais numeroso, apresentava na Savassi uma qualidade superior, sendo as suas lojas dotadas de grande sofisticação. Ainda em termos de consumo, os serviços de alimentação acompanhavam a mesma tendência dos anteriores.

Os bares, as lanchonetes e os restaurantes apresentavam também uma diferença qualitativa entre a Savassi e o Centro. Neste, essas atividades supriam uma *necessidade*, o que equivale dizer que o ato de consumir estava restrito à satisfação de uma demanda imediata e momentânea da população. Já no novo centro comercial – cuja acessibilidade e sofisticação conferiam ao ato um sentido peculiar – as pessoas iam consumir, mas também passear e flunar pelos lugares.

Havia uma nítida diferença entre as duas áreas: o Centro estava se tornando um mero lugar de passagem, e a Savassi podia ser caracterizada predominantemente como o lugar do encontro, formando verdadeiros territórios existenciais. Apesar das diferenças qualitativas e quantitativas, a Savassi apresentava analogias estruturais com a região central. Na condição de novo centro, além de se consolidar como o lugar do consumo, já podia então ostentar uma centralidade de negócios auto-suficiente.

## 2. Pelos caminhos da Savassi

Fazer uma leitura dos espaços significa, inicialmente, buscar a sua gênese, isto é, a forma como esses foram planejados, programados e vivenciados. A Savassi está inserida no espaço planejado da área central de Belo Horizonte, caracterizado por uma racionalidade projetual moderna que enfatiza a ordem, a harmonia e a simetria.

Essas características mostram como o planejador “se prendeu demasiado à corrente do urbanismo francês do início do século passado [...]” que se preocupava com a “beleza e a simetria absolutas da planta em si e a monumentalidade de certos detalhes, principalmente das avenidas, com uma concepção que poderíamos chamar de versalhiana”.<sup>27</sup>

Alguns autores<sup>28</sup> afirmam que o plano de Belo Horizonte foi influenciado também pelo plano de Washington, que, na época, era bem conhecido, sendo seu traço marcante a preocupação, também, com a monumentalidade das avenidas que ligam os pontos de interesse, apesar de não apresentar explícita referência ao sistema viário e a sua forma de funcionamento.

A sub-região da Savassi é regida por esses princípios, que interferiram tanto no seu traçado como no traçado da cidade como um todo. A maneira como esses espaços estavam sendo ocupados e apropriados norteia as análises que tematizam a consolidação do novo centro. Portanto, toma-se o caminho oposto ao princípio restritivo que, geralmente, orienta as leituras da estruturação urbana através das funções que lhe são impostas. As práticas sociais, bem como as representações simbólicas, se instituem como base da observação e da interlocução, tendo como referência as espacialidades, *loci* onde se materializa a sociabilidade.

O novo centro, enquanto palco onde a trama da cidade acontece, viabiliza práticas cujos atores pertencem a uma determinada formação social, e pode vir a ser classificado a partir de determinadas práticas e categorias sociais e simbólicas. A base da análise é o conhecimento da forma de espacialização dessas práticas e de como estas se relacionam, conformando uma nova territorialidade. As relações espaciais, categorizadas de acordo com Holanda,<sup>29</sup> viabilizam a percepção dos espaços, e estão divididas em relações de contigüidade, continuidade, seqüencial e de separação.

Vitrine da Savassi na década de 1980. Fotografia de Mônica Horta. Coleção Celina Borges Lemos.



Além de estabelecer as formas pelas quais os espaços se relacionam, o autor aponta um outro nível de categorização dos espaços: sua forma de apropriação e seu uso. Aqui, é possível detectar como se integram as configurações físicas, a sua categorização espacial e as formas de apropriação das mesmas, para que possa ser edificada, assim, uma imagem do lugar.

Integrados nas configurações físicas e categorizações espaciais, alguns elementos merecem relevância, pelo fato de comporem a estrutura espacial, como ruas, avenidas, passeios, lojas, casas, bares e galerias. A paisagem savassiana transformava-se no dia-a-dia, sendo o lugar onde o imprevisível, a diferença e a raridade do novo permeavam o ir e vir das pessoas e davam um sentido que extrapolava a simples necessidade de *passar por ali*. A territorialidade da Savassi era, de certa forma, diferenciada segundo regiões, têm um valor afetivo próprio, regido por uma magia.<sup>30</sup>

### Filmes, lojas e pipocas

O cinema Pathé, localizado próximo à praça Diogo de Vasconcellos, representou uma das principais espacialidades da Savassi e estabeleceu uma relação de contigüidade com uma série de lojas que foram evoluindo a partir da existência desse ponto estratégico. O local era significativamente marcado pelo carrinho de pipocas, que permanecia na porta do cinema durante o dia todo. A área do passeio recebeu uma confluência de usos, pois era ponto de parada de coletivos, o lugar de espera para entrar no cinema, em um quadrante da avenida Cristóvão Colombo congestionado de pessoas e carros.

Mas o Pathé lá continuou, cumprindo a função de capital cultural dos savassianos, desde os tempos da bossa-nova e dos Beatles; um *cinema de arte*, por onde passaram Bergman, Godard, Fellini etc. O Pathé

foi o ponto de encontro dos intelectuais e das gerações *cult*, lugar onde se inscreveu uma memória e foram criadas e recriadas identidades, como um centro da vida cultural da cidade.<sup>31</sup>

Do lado de lá do Pathé, localizava-se o principal ponto de coletivos da Savassi. O espaço estava integrado numa morfologia de contigüidade, com freqüentes transições de uso. As pessoas esperavam, subiam e desciam dos coletivos, rompiam os limites do passeio e da rua e incorporavam o espaço interno da Status, a mais notória agência de revistas da região. Dessa forma, o ponto de coletivos se instituía como um espaço contíguo, formado pela loja (espaço interno), pelo passeio, pela rua (espaço aberto) e pelo ônibus (espaço fechado). Entre a agência Status e o Cine Pathé havia uma relação de continuidade, pontos de encontro que nem mesmo o intenso trânsito da avenida Cristóvão Colombo era capaz de separar, processo que viria se completar na década de 1980.

A praça Diogo de Vasconcellos, mais conhecida como praça da Savassi, não possibilitava nenhuma prática social relevante, sendo um ponto de cruzamento, o que corresponde à idéia prevista pelo próprio Aarão Reis, engenheiro-chefe da Comissão Construtora da nova capital. Contudo, era detentora de uma representação simbólica efetiva: o nome *praça da Savassi*, apesar de não denominar uma praça realmente, indicava que aquele entroncamento de ruas existia como um forte referencial para as pessoas.

Foi a partir da praça que se centralizou a distribuição das atividades pelas vias, sendo também relevante, nessa representação simbólica, o fato de o nome ter se originado de uma padaria outrora localizada no lugar. A praça recebeu um adicional simbólico expressivo quando, na década de 1960, se tornou palco da *visita* do obelisco originário da praça Sete de Setembro, que lá permaneceu por quase duas décadas.



Loja da estilista Cândida Andrade na rua Tomé de Souza, 1985. Fotografia de Odilon Araújo. Coleção Cândida Andrade Carneiro de Mendonça, Rio de Janeiro, RJ.

## Usos heterogêneos

Com relação às áreas livres que compunham o entorno da praça, houve um certo uso heterogêneo dos pequenos espaços de lazer, sendo estabelecida entre eles uma ligação de continuidade, uma vez que as avenidas dividiam as áreas, mas não as isolavam. Quanto à apropriação das áreas, observa-se que algumas não foram legitimadas pela população, tornando-se mero espaço de passagem. Assim foi o caso da esquina da rua Pernambuco com avenida Getúlio Vargas. Nota-se que a área não foi adotada como um referencial de identidade, pois um simples estacionamento ali existente não foi capaz de atrair pessoas para o lugar.

Nessa esquina, o poder público criou uma pequena área de lazer, que, no entanto, não estabeleceu uma relação de continuidade com a loja aí existente, a qual apresentava portas de entrada somente nas laterais. Por outro lado, uma cabine telefônica atraía pessoas para o lugar e, de modo geral, várias formas de uso ocorreram no espaço, desde a exposição de arte, namoro, até a apropriação para atividades circunstanciais.

Já o quarteirão da praça compreendido entre a rua Antônio de Albuquerque e a avenida Getúlio Vargas foi o mais intensamente ocupado pelos frequentadores da Savassi. Havia uma relação de contigüidade no lugar, pelo fato de nele se abrigarem atividades diversas: a venda de artesanato, o estacionamento de carrinhos de pipoca e de sorvete etc. O lugar também era ponto de encontro das pessoas que trabalhavam em serviços diversos e, em geral, era apropriado por vendedores ambulantes, constituindo-se ainda como um lugar de passagem de grande incidência, devido a sua centralidade.

Esse quarteirão notabilizou-se como o mais frequentado pelas pessoas a qualquer hora do dia, devido à relação de continuidade estabelecida entre o circuito dos

espaços e as lojas mais sofisticadas da Savassi. Pelo fato de ali se verificar um grande fluxo de pessoas, era essa também a quadra da praça mais controlada pelos policiais, no intuito de propiciar maior segurança à população para transitar ou ali permanecer. Apesar de o espaço ter sido legitimado pela população, o sentido do uso proposto pelo poder público não fora invertido ao longo desses anos.

## O lado de lá

O *lado de lá* da praça, formado pelos quarteirões menos frequentados, apresentava homogeneidade de uso. Duas bancas de revistas instaladas nas quadras criaram nessa área novos pontos de concentração, não sendo significativas, contudo, as formas de uso do lugar, que se definia apenas como um lugar de passagem. Apesar de esses quarteirões estabelecerem uma relação de continuidade com os demais, em termos de uso observava-se uma nítida separação entre os dois lados da praça, divididos pelo eixo da avenida Getúlio Vargas: na área de cima da avenida, notava-se uma concentração de serviços em geral um pouco inferior à do outro lado, e a sofisticação das lojas apresentava algum desnível, comparativamente às do lado de baixo.

Esse fato se justifica ao observar-se que a Savassi teve sua polarização inaugural nas imediações do cinema Pathé e da Padaria Savassi. É relevante também o fato de a ocupação do *lado de cima* ser menos significativa, devido à restrição imposta à área pela avenida do Contorno, que dificultou a expansão dos serviços. Essa via pública estabelecia uma relação de separação com o espaço da Savassi, pois o denso fluxo de trânsito dificultava a circulação dos pedestres. Mesmo assim, constata-se que inúmeros serviços começaram a ser implantados na avenida e tendiam a penetrar pelo bairro contíguo, o de São Pedro.

No entanto, havia duas instâncias de separação: a primeira, representada pela avenida do Contorno, cujo fluxo de automóveis pode ser considerado o principal fator de isolamento dessa área; a segunda, relacionada ao estoque de terrenos da área próxima dessa avenida, o que levou a rua Pernambuco, naquele trecho, a sofrer uma mudança qualitativa na sua utilização, dando lugar a estacionamento de carros. Além do abandono da área, nota-se que houve uma ruptura em termos de continuidade de uso.

Em algumas ruas fechadas nas imediações da praça Diogo de Vasconcellos constata-se que, ao contrário do que se previa no plano da Comissão Construtora da capital, elas se encontravam repletas de automóveis estacionados. Certos atributos do espaço, como as ruas fechadas da Savassi, em vez de propiciarem a sua incorporação por parte dos frequentadores do lugar, atuavam como “inibidores da apropriação livre”.<sup>32</sup> As ruas induziam apenas a reunião de automóveis, lixo, pedintes, que inibiam ainda mais a tentativa de permanência dos *nobres consumidores* nesses locais.

A região, de um modo geral, caracterizava-se por uma diversidade de uso, com assentamentos mais ou menos densos onde foram estabelecidas relações de continuidade e contigüidade. A avenida Cristóvão Colombo apresentava uma relação de contigüidade significativa, pelo fato de nela se aglomerarem serviços diversos: de moradia, de comércio, de representações, mistos etc. A avenida também era considerada uma via de escoamento de coletivos e automóveis, servindo de ligação entre o Centro tradicional e os bairros da Zona Sul. A relação de contigüidade entre seus espaços podia ser lida através de suas várias categorizações, sendo que se superpunham não só atividades de serviço, como também diversas tipologias arquitetônicas: a casa, os primeiros edifícios

residenciais e os edifícios sofisticados, onde funcionavam as atividades comerciais e financeiras que deram um novo sentido à região.

## Continuidades e fragmentações

Os processos de ocupação da Savassi eram registrados nas suas vias, em maiores ou menores proporções. Na avenida Getúlio Vargas, as espacializações ocorreram em menores proporções e conviviam numa relação de contigüidade em seu espaço os serviços de moradia unifamiliar ainda resistentes à especulação imobiliária, os serviços de representação, os serviços de comércio sofisticado e os de hotelaria. A variedade de serviços integrados num espaço contíguo fundamentou, mais uma vez, a caracterização da Savassi como um “centro alternativo, diversificado e auto-suficiente”. A idéia de diversificação dos centros de consumo remete a Henry Thoreau, que escrevera em 1854 sobre a composição dos aglomerados americanos:

... eram o armazém, o botequim, a agência de correio e o banco [...] e de todos os cantos pendiam cartazes aliciando o transeunte, uns a seduzi-lo pelo apetite, como os da taverna e do depósito de víveres; uns pela fantasia, como os de loja de tecidos e os da joalheria; outros pelos cabelos, ou pelos pés, uns pelas abas, como os do barbeiro, do sapateiro e do alfaiate.<sup>33</sup>

Relativizando, na Savassi acontecia algo semelhante com o que se passava no povoado descrito pelo autor: a circulação pelo seu espaço significava colocar à prova a capacidade de resistência à sedução que o consumo exercia nos seus frequentadores. A eficácia dessa sedução era regida por vários elementos que se interpenetravam e interagiam, como a moda, a arquitetura e o estilo de viver que se instituíam como elementos da paisagem local.

A concepção arquitetônica dos edifícios da área apresentava, como característica básica, a estrutura de sua organização espacial e as formas de uso que esta propiciou, ou seja, era determinada pelo alto grau de especialização do espaço, tornando-se por isso essencialmente fragmentada. Dessa forma, a arquitetura refletia a fragmentação do espaço, rompendo com uma possível unidade da paisagem urbana. Por outro lado, essa fragmentação, e a conseqüente individualização de estilos e projetos, tinha como essência ignorar e excluir dos seus objetivos, num sentido mais complexo e amplo, o que seria a busca de se prolongar o “ser e a ordem humana, estendendo-os para um domínio ético”.<sup>34</sup>

Na análise desses autores, o domínio do ético pode ser concebido como um lugar “dotado de um princípio organizativo próprio que atuaria como centro de um mundo virtual”. Portanto, este não compunha o *cosmos* Savassi. A espacialização das práticas sociais que aconteciam no lugar refletia uma cultura representativa de uma fragmentação e uma individualização exacerbadas, próprias da cultura do consumo. Os espaços foram concebidos simplesmente sobre a base de uma adaptação a um objetivo específico, sem levar em conta a possibilidade de que tais edifícios pudessem render culto à história ou à condição humana.<sup>35</sup> Nesse sentido, as construções da Savassi estavam submetidas aos modismos de imagem, em termos de materiais de acabamento e concepção plástica dos edifícios sofisticados, onde o concreto, o vidro e os grafismos publicitários configuravam as fachadas.

As lojas acompanhavam a sofisticação, caracterizada por uma criatividade peculiar ao arcabouço tecnológico. Estavam sendo planejadas dentro da estética contemporânea e já mundializada para a época, onde se destacavam o brilho, o neón e os simbolismos distribuídos pelas ruas, compondo a paisagem do lugar. O surgimento de novos edifícios e modismos não cessava

aí. Como mostram Bloomer e Moore, “os escritórios, apartamentos e comércio se amontoam sem diferenciação alguma e respondem a critérios mais relacionados com os sistemas de armazenamento ou com o preço do solo, do que com os problemas da existência e da experiência humana”.<sup>36</sup> E o local se tornou foco de interesse primordial de vários setores voltados para a construção civil, os serviços modernos e os negócios.

### 3. Na pista dos encontros

Nas ruas da Savassi nasciam lugares propícios a encontros fortuitos. Passava-se assim por locais totalmente impermeáveis à integração com a rua, nos quais não se achava o sentido de permanência, como nos bares e restaurantes, que se encontravam fechados para o passeio, rompendo a integração espaço aberto/espaço fechado, ou espaço público/espaço privado.

Muitas vezes o passeio era utilizado para a prestação de serviços: nessas condições, o espaço aberto se tornou, ao mesmo tempo, público e privado. Sem muita pretensão, encontravam-se pequenas vias de circulação que ligavam ruas dando uma idéia de labirinto, que poderiam se tornar ponto de encontro, mas não passaram de meras passagens. Essa situação foi decidida pelos próprios lojistas, que colocavam grades e obstáculos nos canteiros e apenas tinham interesse que suas lojas fossem destacadas, procurando evitar a confluência das pessoas.

Mas nem sempre o fato se repetia, e os passeios podiam propiciar o descanso e a conversa. Além disso, as galerias criaram uma nova forma de circulação pelas lojas, constituindo-se como verdadeiras ruas de pedestres. Algumas delas, além de possibilitarem o trânsito de pessoas, trouxeram a vida das ruas para as passagens e ofereciam proteção contra o sol e a chuva. Outras não apresentavam esse caráter; propiciavam

apenas a passagem por elas, não caracterizando, portanto, nenhuma outra forma de apropriação.

### O público e o privado

O *shopping* Quinta Avenida – primeiro equipamento do gênero na região – tornou-se uma das exceções e não deve ser considerado um shopping no sentido tradicional do termo, muito menos uma galeria típica da sub-região. Além de estar integrado em termos da relação de contigüidade com o espaço em seu entorno, propiciava aos freqüentadores oportunidade de encontro e lazer. As suas passagens foram caracterizadas como *ruas* e estas, em contraste com os *shoppings* tradicionais, podem ser caracterizadas em dois sentidos: um local para se vir e usar conscientemente e, ao mesmo tempo, lugar onde se verificava a combinação entre uso consciente e uso casual, numa trama complexa de interações e possibilidades. A entrada do Quinta Avenida constituía um espaço aberto que ultrapassava a rua, tornando-se uma praça, guardando consigo a imprevisibilidade da rua e a espontaneidade da praça e o seu caráter essencialmente público.

Quanto aos espaços onde existia *a priori* a intenção do lazer, tais como as casas de jogos eletrônicos, estes apresentavam total integração do espaço aberto com o espaço fechado, configurando a vida cotidiana da Savassi e viabilizando o encontro de crianças e adolescentes. Os bares e restaurantes representavam, de forma significativa, o lugar *definido* do encontro. De um modo geral, eram constituídos por espaços abertos e fechados, o que possibilitava uma relação de contigüidade com a rua. Na medida em que as mesas estavam colocadas nas calçadas, ocorria um rompimento dos papéis funcionais de cada atividade, formando uma superposição de práticas vivenciadas num mesmo ponto no espaço, onde o lúdico e a festa permeavam as representações.

Constata-se que a rede de interações sociais estabelecidas nesses bares possuía um caráter informal. De um modo geral, essas interações tendiam a ser muito estáveis, podendo atingir um “grau de rotinização”.<sup>37</sup> A prática de freqüentar os bares da Savassi já estava integrada na rotina dos que trabalhavam no local, como também das pessoas pertencentes aos extratos médio e alto que habitavam a Zona Sul. Torna-se possível, dessa forma, “identificar padrões de freqüência” nos bares e lanchonetes que se encontravam em moda na Savassi, onde se esboçava, em termos de uso, uma territorialidade que tinha como base os grupos e subgrupos que freqüentavam o lugar, como analisa Perlongher.<sup>38</sup>

Essa territorialidade é justificável por ser inevitável que “indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão devam, de tempo em tempo, se encontrar nos mesmos lugares”. Portanto, os bares, lanchonetes e restaurantes territorializavam-se de acordo com a geração, os interesses, os gostos e os temperamentos dos seus freqüentadores, formando verdadeiros *points* ao longo do espaço savassiano.

Guattari mostra ser possível encontrar pelos seus espaços a formação de territórios ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva, sendo o espaço, neste caso, apenas uma referência extrínseca, onde práticas se circunscrevem.<sup>39</sup> A Savassi caracterizava-se por uma heterogeneidade de regiões próprias dos centros urbanos consolidados. Conviviam, lado a lado, territórios já codificados e legitimados pela demanda cotidiana de grupos, desde aqueles que já *venceram na vida*, aos que procuravam *levar uma vida moderninha* etc., além de outros grupos que se identificavam com o local, consumindo a transação e a representação do momento. Nesse caso, o processo territorialização/desterritorialização dos *points* estava submetido à vulnerabilidade do momento capitalista, onde o provisório e o descartável

criavam e recriavam demandas. O nomadismo também expressava essa forma de se consumirem os espaços, em que a procura foi sempre eliminar/recompor itinerários, tendo como meta o sentido e a intensidade dos percursos.

### Capital e magia

A conjugação de fatores importantes, relativos às práticas de consumo no espaço urbano, transformou a Savassi em região valorizada. Na medida em que as atividades iam se diversificando e se apresentava, a cada dia, um maior número de novidades relativas ao consumo, mais *in* se tornava o espaço e, ao mesmo tempo, mais valorizado tornava-se o seu solo. Nesses espaços conformou-se uma conjugação de *coisas* que os tornaram centro onde tudo acontecia simultaneamente. No entanto, para se tornar *centro das coisas*, para ser considerado um *locus in*, convergiam para lá todos os modismos criados pela sociedade de consumo. Tais modismos renovam-se no dia-a-dia, a partir do consumo e da necessidade de se consumir, criada pela própria instituição da moda. Esta, por sinal é regida por uma magia que se consolida no próprio cotidiano do lugar. Quanto mais se circulava pela Savassi, quanto mais se percorriam seus espaços e se criavam novas especializações, mais essa magia era confirmada e realimentada.

Esse fenômeno se explica pelo fato de a magia apresentar uma densidade própria e ser dotada de um significado flutuante que, para Lévi-Strauss, está próxima da estrutura.<sup>40</sup> Esta é considerada como uma coisa que acaba sendo coisa nenhuma, mas a partir da qual as coisas tornam-se coisas. A magia, que permeava o sentido de permanência e consumo na Savassi, foi dotada de *mana*, sendo esta uma energia que atravessou as práticas, interações e representações simbólicas do lugar que o consumo sintetiza.

Essa lógica mística é passível de ser apropriada pelo capital, no sentido de investimento e recriação de espaços mágicos. Esse fato ocorreu no novo centro, tendo em vista o próprio *status* que o lugar já apresentava desde a década de 1960. A Savassi se consolidou, portanto, a partir dos ritos mágicos do consumo instituído pelo capital. Sabe-se que atualmente essa força mágica perdeu grande parte da intensidade legitimadora que fez a região instituir-se como um *locus in*. Seus espaços evidenciam sinais da perda daquela magia original, o que indica mais uma aproximação com as características do Centro tradicional. Esse fato pode interferir na sua condição privilegiada de centro comercial cristalizado e consolidado. São questões a serem analisadas numa próxima oportunidade.

### Notas |

1. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
2. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
3. *Idem*.
4. SANTOS, Carlos. Nelson. F. Dizei-me cidade brasileira se alguma arquitetura há tão bela e altaneira?. *Projeto* n. 51, São Paulo, p. 35-38, mar. 1984.
5. *Idem*.
6. LÉVI-STRAUSS. *Tristes trópicos*, p. 117.
7. LE VEN, Michael. *As classes sociais e o poder político na formação espacial de B.H. (1883-1914)*. 136f. Mestrado (Dissertação) – Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1977, p. 136.
8. ANDRADE, Carlos Drummond de. Praça da Liberdade sem amor. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião – II*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 857-859.
9. NAVA, Pedro. *Beira-mar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
10. A criação oficial da RMBH deu-se pela lei complementar n. 14, de 8 de julho de 1973. Ver PLAMBEL. *O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte, 1897/1970*. Belo Horizonte: [s.n.], 1977. (Mimeografado)
11. SUPERINTENDÊNCIA de Planejamento Metropolitano de Belo Horizonte – Estado de Minas Gerais. *Mercado da Terra na região metropolitana – DT. EB*. Belo Horizonte: SEPLAN/PLAMBEL, 1978.
12. *Ibidem*, p. 142

13. SUPERINTENDÊNCIA de Planejamento Metropolitano de Belo Horizonte – Estado de Minas Gerais. *Mercado da Terra na região metropolitana – DT. EB*. Belo Horizonte: SEPLAN/PLAMBEL, 1978, p. 142.

14. MATOS, Olgária. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. *Espaço e Debates*, São Paulo, n. 7, p. 50, set./out. 1984, p. 50.

15. BLOCH *apud* MATOS. A cidade e o tempo..., p. 50.

16. Acaba Mundo era a denominação da região próxima ao Carmo-Sion, Zona Sul de Belo Horizonte, tornando-se também o nome do bonde.

17. Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco Coelho de Andrada, em 25 ago. 1985.

18. *Idem*.

19. *Idem*.

20. Entrevista realizada com Maria Celina Pinto Albano, Álvaro Hardy e Roberto Drummond, em 15 set. 1988.

21. Entrevista realizada em 10 de outubro de 2006 com vários personagens da geração que descobriu o lugar: José Eduardo Ferolla, Hebe Borges Morais, Lázara Ribeiro, Mariluce Gerep, entre outros.

22. Entrevista realizada com o Prof. Martim Francisco Coelho de Andrada, em 25 ago. 1985.

23. *Idem*.

24. *Idem*.

25. *Idem*.

26. LEMOS, Celina Borges. *Savassi: a consolidação de um centro urbano*. 1985. 130f. Especialização (Monografia final do curso de Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.

27. ANDRADA, Martim Francisco Coelho. *Avenidas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora Escola de Arquitetura da UFMG, 1962, p. 14.

28. Ver: ANDRADA. *Avenidas de Belo Horizonte*; e BOLTSHAUSER. João. *Noções da evolução urbana das Américas*. Belo Horizonte: Editora Escola de Arquitetura da UFMG, 1968.

29. HOLANDA, Frederico. *Arquitetura como estruturação social*. In: FARRET, R. L. (Org.). *O espaço da cidade*. São Paulo: Projeto, 1985.

30. Ver DURKHEIM, Erriete. Algumas formas primitivas de classificação. In: RODRIGUES, J. A. (Org.). *Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Global, 1985, p. 161.

31. Entrevista realizada com Paulo Borges de Moraes, em 30 set. 1985.

32. HOLANDA, Frederico. *Arquitetura como estruturação social*. In: FARRET, R. L. (Org.). *O espaço da cidade*, p. 125.

33. THOREAU, Henry. *Walden ou a vida nos bosques*. São Paulo: Global, 1985, p. 161.

34. BLOOMER, K.; MOORE, C. *Cuerpo, memória y arquitetura*. Madrid: H. Blume, 1982, p. 16.

35. *Ibidem*, p. 27.

36. *Idem*.

37. SILVA, Luís Antônio Machado da. O significado do botequim. In: \_\_\_\_\_. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 84.

38. PERLONGHER, Néstor. *O gueto e a boca: a territorialidade homossexual*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 1985, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 1985, p. 1-15.

39. GUATTARRI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço e debates*, São Paulo, n. 16, mar./abr. 1985, p. 43.

40. LÉVI-STRAUSS. *Tristes trópicos*.

**Celina Borges Lemos** é arquiteta, urbanista e doutora em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Exerce o cargo de professora-adjunta do Departamento de Análise Crítica de História e do Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).